

## UMA BREVE DESCRIÇÃO SOBRE OS KAIOWÁ E GUARANI EVANGÉLICOS NA RESERVA DE AMAMBAÍ (2017): ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOPOLÍTICOS

Celuniel Aquino Valiente\*  
Levi Marques Pereira\*\*

© INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN, Salamanca | 2017.

**Resumo:** O presente artigo discute a presença das igrejas pentecostais na reserva indígena de Amambaí, Mato Grosso do Sul - Brasil. Descrevem-se elementos de como se realiza o movimento de conversão, as formas de organização das igrejas, as conexões que estabelecem com a configuração sociopolítica da reserva e com as relações políticas desenvolvidas no seu entorno e, ainda, as relações das igrejas com as instituições do Estado e da sociedade civil. O objetivo é demonstrar como a conversão e a organização das igrejas gera um campo de experimentação de transformações na organização social e nas práticas políticas e culturais.

**Palavras-chave:** Igreja pentecostal, Kaiowá e Guarani, Reserva

**Resumen:** El presente artículo discute la presencia de las iglesias pentecostales en la reserva indígena de Amambaí, Mato Grosso do Sul - Brasil. Se describen elementos de cómo se realiza el movimiento de conversión, las formas de organización de las iglesias, las conexiones que establecen con la configuración de reserva y con las relaciones políticas desarrolladas en su interior y, aún, las relaciones de las iglesias con las instituciones del mismo, Estado y sociedad civil. El objetivo es demostrar cómo la conversión y la organización de las iglesias genera un campo de experimentación de transformaciones en la organización social y en las prácticas culturales.

**Palabras-clave:** Iglesia pentecostal, Kaiowá y Guarani, Reserva

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O CENÁRIO ETNOGRÁFICO DA PESQUISA

O primeiro autor nasceu e mora na Reserva de Amambaí e pertence a etnia kaiowá. Na reserva famílias vivem também famílias guarani, mas são minoria. O segundo autor convive com os Kaiowá e Guarani desde 1982, tendo desenvolvido pesquisas acadêmicas e procedimentos administrativos e judiciais, em especial no que se refere aos direitos territoriais. A compreensão da atual distribuição espacial das sociedades indígenas no estado de Mato Grosso do Sul deve ser pensada a partir das políticas indigenistas implementadas pelo Estado

brasileiro e por organizações da sociedade civil ao longo dos séculos XIX e XX, conforme exposto em outros artigos da coletânea. O Estado sempre agiu de modo contrário a autonomia das comunidades indígenas, o que coloca para os indígenas o desafio constante da luta por garantias do cumprimento dos direitos indígenas, mesmos os assegurados em lei. Também enfrentam cotidianamente o preconceito e a discriminação.

As reservas dos Kaiowá e Guarani foram demarcadas na segunda e terceira década do passado pelo órgão indigenista oficial, Serviço de Proteção aos Índios-SPI nos municípios de Dourados, Caarapó, Amambaí, Tacuru, Paranhos, Japorã e Coronel Sapucaia. As reservas agregaram no mesmo espaço uma heterogeneidade de comunidades indígenas espalhados pelo sul do Estado de Mato Grosso do Sul, expulsando-as de suas terras tradicionais. O objetivo do SPI era reservar e, assim, integrar à sociedade nacional, tema desenvolvido em outros capítulos dessa coletânea.

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Ciências Humanas (PPGAnt/FCH/UFGD). Pertence à etnia Kaiowá, sendo falante nativo da língua Kaiowá. Residente na Reserva Indígena de Amambaí.

\*\*Doutor em Antropologia. Professor na UFGD.

Na reserva, o SPI instituiu os cargos de chefe do posto<sup>1</sup> e de *capitão indígena*<sup>2</sup>. Este último fazia o papel de polícia no interior da reserva, sendo ele encarregado de manter a ordem e disciplina entre as várias famílias aí reunidas. O problema da “administração” interna das reservas é identificado pelos estudiosos dos Guarani e Kaiowá um dos principais problemas trazidos pelo aldeamento/confinamento.

O problema na reserva passa a ser como administrar uma população cada vez mais numerosa, com sobreposição de grupos familiares diversos dentro de um espaço geográfico diminuto e com recursos também cada vez mais reduzidos. Emerge aí, com muita força, a figura dos capitães e os problemas que enfrentam no difícil papel de assegurar a funcionalidade das reservas. Cobia-lhes, sob a ótica do órgão indigenista oficial, a tarefa de coordenar, articular e controlar o conjunto da população indígena recolhida na reserva. O SPI sempre considerou os “capitães” como instrumento fundamental e necessário na tarefa de controle dos índios, como peça fundamental na obtenção da almejada civilização dos índios, entendida fundamentalmente como integração a cultura e a economia regional (BRAND, 2001p. 70).

Desde a imposição das reservas os conflitos pela terra, envolvendo comunidades indígenas e particulares não indígenas que requereram e titularam propriedades, foram constantes no Mato Grosso do Sul. A partir da penúltima década do século passado estes conflitos se intensificaram e passaram a ocupar cada vez mais espaço na mídia. Os povos indígenas reconhecem a violação de seus direitos e lutam para reivindicá-los. Segundo Benites (2015), a reserva é parte de uma política indigenista, institucionalizada a partir do olhar dos colonizadores. Esse olhar busca assimilar ou integrar os indígenas à sociedade nacional e sempre se pauta pela orientação de descaracterizar e acabar com o *ava reko* – modo de ser indígena e a cosmologia dos Kaiowá e Guarani.

É fundamental entender o processo histórico de aldeamento ou confinamento de várias parentelas nas pequenas extensões de terras das reservas para compreender os problemas vivenciados atualmente pela população reservada, tais como a instituição de famílias politicamente dominantes dentro da

reserva indígena, a violência interna, o aumento da vulnerabilidade das crianças, jovens e adultos, enfim, a crise humanitária. As igrejas cristãs pentecostais e várias outras instituições não indígenas passaram a atuar com foco na resolução dos problemas vivenciados nas reservas, inaugurando um diversificado campo de transformações no mundo indígena.

O artigo está estruturado em cinco tópicos, o primeiro, considerações iniciais sobre o cenário da pesquisa apresenta o cenário histórico criação das reservas; o segundo discute a entrada de evangélicos na reserva de Amambáí; o terceiro discute a influência política dos evangélicos no novo modo de organização social; o quarto discute o método de conversão e o esquema de conflitos políticos e; finalmente, apresentamos as considerações finais sobre o tema aqui tratado.

## 2. A ENTRADA DE EVANGÉLICOS<sup>3</sup> NA RESERVA DE AMAMBAÍ

Os ancestrais dos atuais Kaiowá foram alvo de missões proselitistas desde o início do período colonial. Pode-se dizer então que a conversão atual não se trata da primeira experiência com o cristianismo, embora comporte elementos inteiramente novos. A partir de meados da década de 1980 antropólogos e historiadores começaram a discutir a crescente presença de igrejas pentecostais nas reservas no MS. O movimento de expansão da nova vertente religiosa se expandiu com enorme velocidade, sendo estimado que somente na reserva indígena de Dourados (MS), existem atualmente mais de oitenta igrejas pentecostais em atuação (MORAES, 2014). Na reserva de Amambáí, situada no município homônimo, e que conta com pouco mais de oito mil indígenas, informações não oficiais estimam a presença de

---

1. Funcionário do Estado encarregado da organização e funcionamento da reserva.

2. O termo “capitão”, de origem militar indicava a forte hierarquia que se pretendia estabelecer na reserva. Tal cargo foi abolido oficialmente em 2008, sendo substituído pelo termo “liderança”, e esvaziado de suas atribuições de mando. No cotidiano, porém, os habitantes da reserva de Amambáí continuam utilizando a expressão “capitão” para se referir a liderança oficial.

3. Evangélico, crente, pentecostal, convertido, são expressões através das quais os Kaiowá e Guarani designam os praticantes de religiões cristãs não católicas.

mais de sessenta igrejas, sendo a esmagadora maioria composta por pentecostais. Moraes, com base no trabalho de Pereira (2004), afirma que:

Os missionários pentecostais, assim como foram os protestantes, erroneamente acreditavam que a conversão vinculasse o indígena ao sistema organizacional do não-índio de maneira definitiva. Em virtude disso, e com o passar do tempo, começaram a ter que lidar com a multiplicação do número de igrejas, já que cada uma assumia o formato da família extensa ou grupo de parentesco. Essa realidade passou a exigir a criação de novos espaços religiosos para abrigar as diversidades étnicas e as novas perspectivas do pentecostalismo indígena (MORAES, 2014, p. 6).

Organizadas a partir das relações de parentesco, as igrejas pentecostais acabaram se fragmentando dentro das reservas, compondo templos configurados como parentelas. Embora agregue um número considerável de indígenas, o pentecostalismo não deixou de trazer (e, de certa forma, até mesmo acentuar) conflitos internos dentro das reservas, como atesta o mesmo autor:

As diferenciações socioculturais provocadas pela conversão ao pentecostalismo são, por si só, conflitantes. Mas elas se ampliam dependendo da compreensão doutrinária que se tem em relação à religião tradicional. Destaco as tensões que ocorreram entre índios pentecostais e as lideranças tradicionais em 2008 e que ganharam repercussão nacional. Na época o antropólogo Levi Marques Pereira afirmou que “até nas escolas, as crianças de pais pentecostais tendem a excluir e demonizar os filhos de rezadores indígenas”. Ele demonstrava sua preocupação com a expansão do pentecostalismo na reserva: Esse avanço ocorre diante de uma população fragilizada e encurralada em termos culturais, lingüísticos [sic], geográficos. Por suas práticas demonizantes, pela intolerância e a desproporção de forças, o pentecostalismo pode ser o golpe de misericórdia no etnocídio a que estamos assistindo (MORAES, 2014, p. 8).

Nota-se que o modo como as igrejas pentecostais se ramificam dentro das reservas vincula-se a lógica sociopolítica dos Kaiowá e Guarani. Moraes (2014, p. 9) acrescenta que “Atualmente, ocorre o que autores chamam de “Terceira Onda Missionária”, caracterizada pela formação de missionários nativos para a atuação junto das populações indígenas.”

Conforme relatos de vários evangélicos

antigos e evangélicos “desviados<sup>4</sup>”, afirmaram que a igreja pentecostal se instalou na reserva de Amambai a partir dos anos de 1980. Desde então vem crescendo e produzindo um número cada maior de convertidos. A conversão é externalizada por sinais como com cabelo raspado e trajas caracterizados como “roupa social”. Conforme ressaltado, há uma fragmentação muito grande entre as vertentes evangélicas dentro da reserva. Porém, pelo menos no que diz respeito a uma série de orientações de conduta, os evangélicos compõem um grupo coeso dentro desse espaço, que se opõe aos denominados católicos ou tradicionais, numericamente inferiores e politicamente dominados.

Os evangélicos sempre se reúnem no barracão central da reserva de Amambai, um espaço comunitário voltado para a realização de debates, encontros e eventos. Os pastores indígenas convocam reuniões juntamente com o capitão da reserva, também evangélico, para discutir interesses comuns. Os assuntos debatidos em tais reuniões giram em torno da necessidade de se combater o alcoolismo e a punição de “pecadores”, com clara demonstração de intenção de ordenamento político da reserva a partir das doutrinas centrais das igrejas. Essa reunião é coordenada sempre pelos líderes políticos da reserva, com fortes alianças com os políticos não indígenas do município e dirigentes de instituições públicas que atuam na reserva. Essas práticas acabam institucionalizando hierarquias, alicerçadas em conflitos simbólicos e materiais, agregando aos evangélicos uma identidade social com muito destaque na produção da sociabilidade da reserva. Tais eventos são rituais de demonstração da potência dos pentecostais, que buscam se apresentar como segmento hegemônico dentro da reserva, em detrimento dos outros segmentos.

### **3. A INFLUÊNCIA POLÍTICA DOS EVANGÉLICOS NO NOVO MODO DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL**

Pensando a partir de formulações propostas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989), pode-se dizer que, no âmbito

---

4. Termo com o qual designam os que deixaram momentânea ou definitivamente as práticas pentecostais.

interno da reserva Amambai, ocorre disputas políticas em torno do poder simbólico a partir das organizações oriundas das igrejas pentecostais. Em torno dela forma-se uma rede que busca instituir sua visão de mundo como a mais verdadeira. Sendo assim, para além da existência de uma pluralidade de vertentes religiosas, ao contrastarem sua visão de mundo, enquanto evangélicos, frente aos demais, acabam por construir fronteiras sociais em relação aos praticantes da religião indígena. Vale ressaltar que o grupo evangélico possui mais poder por ser fortemente vinculado a elite da reserva e as instituições não indígenas que atuam na reserva.

Forma-se uma elite em torno do capitão e dos profissionais indígenas que atuam na educação e na saúde, conformando uma rede de aliança política. Dificilmente se ingressa nesta rede sem a conversão a religião evangélica e, caso isto ocorra, fica-se sempre numa posição instável, sujeita a críticas e acusações. O não evangélico que, por exemplo, consegue um emprego na saúde ou na educação, acaba sendo constrangido a seguir boa parte das regras de conduta observadas pelos evangélicos, caso contrário será objeto de constantes críticas. Neste sentido, seus estilos de conduta, sempre referidos as doutrinas da igreja, acabam se impoem como hegemônicos.

Os evangélicos indígenas afirmam que “a igreja pentecostal é um novo sistema de servir a Deus”. A maioria dos evangélicos reconhecem que o pensamento religioso do kaiowá tradicional é verdadeiro, porém, não é viável hoje em dia devido à ausência de xamãs verdadeiros. Os evangélicos consideram que antigamente as pessoas não tinham pecados porque não tinham as coisas que existem hoje, por exemplo, a condição de vida na reserva, consumo de bebidas alcoólicas, drogas, televisão, etc. Na realidade atual, a única forma de escapar da vida em pecado é se converter, ou como dizem, “virar crente”.

Os evangélicos consideram que a igreja é uma novidade que veio para contribuir e auxiliar as pessoas com carências econômicas ou que necessitam de apoio emocional e cura para doenças. Um estudante evangélico (Jayson Souza), afirmou que:

tem um vizinho da minha casa, ele toda madrugada de sexta-feira para sábado sempre tinha festa na casa dele, depois ele bebia muito. Eu escutava as crianças correndo porque ele estava batendo, espancando a mulher dele, o

capitão sempre tinha que ir lá. De repente entrou na igreja e virou evangélico, e hoje ele é outra pessoa, uma pessoa do bem, pessoa que não dá problema para o capitão (Jayson Souza)

Quando se conversa com as pessoas em várias regiões da reserva sobre a igreja, é comum ouvir frases do tipo: Heta jahecha nhande hente kuera ose pe heko vai gui ha heko piraguai gui, oike rire ha oho rire katu igreja pe ndojapovei umi ivaiva, que significa: a gente identifica muitas pessoas saindo da sua vida desarticulada ou se libertando de várias coisas ruins quando entram na igreja. Vemos bastante a libertação das pessoas na igreja. Esses relatos nos possibilitam identificar o poder da igreja na produção de discursos favoráveis ao convencimento das pessoas a tomarem a decisão de se vincularem a essa religião, sendo que nos cultos se utiliza fartamente o recurso do testemunho pessoal.

Os evangélicos se auto identificam como um “grupo bom” dentro da reserva. Tal bondade é expressa pelos atos de caridade – doação de roupas e alimentos, conselhos pessoais etc. - praticados por seus seguidores, e podemos resumir esses valores no conceito que é teko porã –o bom viver entre os Kaiowá e Guarani. A expressão tem implicações morais, éticas e estéticas, como signo de sociabilidade positiva. Outra formulação comum entre os pentecostais é: Koanga gua ndorekoveima pe teko porã onhondive, py’a vai ha nherairõ oguereko onhondive oikovo, há ore crenteva roiko pe teko porã yma jeikohacha igreja pe. Jehaihu ha jehecha kuaa mante jetopa ore paume. Que pode ser traduzida como: hoje em dia não existe mais o bom viver entre as pessoas, vivem mais em brigas e conflitos em seu cotidiano. Mas a gente que é evangélica, recuperou e vive como antigamente, o bom viver, e é através da igreja que a gente ama e compartilha coisas boas com outras pessoas do coletivo.

Os convertidos são obrigados a respeitar as várias regras impostas pela igreja, como: não assistir televisão; não viver com muita luxúria; ir com frequência à igreja; não praticar esportes como o futebol; contribuir com dinheiro para a igreja e várias outras. Se identificam como um “grupo bom”, situando os não evangélicos como “maus”, pois não seguem os preceitos de vida do teko porã. Tais modos de diferenciação e classificação acentuam disputas em torno dos estilos de vida considerados legítimos, resultando em intensas disputas políticas.

#### 4.MÉTODO DE CONVERSÃO E O ESQUEMA DE CONFLITOS POLÍTICAS

A pessoa se converte quando se encontra com muitos problemas em seu cotidiano, como a pessoa ser vítima de feitiçaria, através cantos e encantamentos, crise econômica, conflitos política, fofocas, dificuldade nos relacionamentos, trauma psicológico ou depressão— py'aguapyey, nandejokohari, nhembyasyrey, vícios de drogas, doenças, etc. Um jovem da reserva Amambaí relatou sua experiência quando e porque se converteu a uma igreja pentecostal. Segundo explicou, por conta da separação de seus pais, não tinha mais felicidade em seu cotidiano. Para sair desse problema foi a uma igreja pentecostal e se converteu. Ele falou que “na igreja a gente esquece os nossos problemas e se concentra na palavra de Deus, porque quando se entra na igreja a gente busca um caminho bom - tape porã e isso vai nos fortalecer para gente caminhar bem na vida”. Uma jovem contou que se converteu porque teve uma depressão – hente onhembyasy. Acredita que teve a depressão porque a fase da juventude foi de forma tradicional, isso significa que ela não saía de casa por conta da imposição do resguardo, imposto nessa fase da vida, e sentia falta dos amigos. Superou a dificuldade se convertendo e frequentando a igreja.

Alguns jovens são identificados pela comunidade como “maluco”<sup>5</sup>. Formam grupos que costumam andar a noite armados com lanças e facas, e podem cometer atos de violência contra desafetos. Entretanto, quando se convertem a igreja podem até virar pastor. São frequentes os relatos de “malucos” convertidos. Nos cultos em uma igreja se escuta vários testemunhos sobre a libertação de pessoas e dá-se a impressão que quanto mais a pessoa era “má”, mas o testemunho é valorizado. No processo de conversão o pastor tem que convencer que a sua igreja é mais santa e que lá a presença de Deus é constante, demonstrada em curas e na transformação de vidas. O convencimento ocorre quando surge algum problema na vida de uma pessoa e é resolvido na igreja.

A pessoa quando é enfeitiçada costuma sonhar com coisas ruins, como cachorro atacando

e tentando morder. Uma pessoa relatou que viu em seu sonho um velho feio, zombando e rindo de sua cara e, a partir daí, não conseguia dormir, de modo que percebeu que estava enfeitiçada. Aí sua filha o levou em uma igreja pentecostal e desfez a feitiçaria. Os casos de feitiço sempre levam a pessoa a uma igreja ou, alternativamente, a recorrer a um xamã. As pessoas acreditam em dois poderes essenciais para a cura e sempre relatam que foram curados pelo xamã ou por pastor de uma igreja, quase todas pessoas relatam esta dupla experiência. Os Kaiowá e os Guarani, na busca de solução para seus problemas, não hesitam em transitar entre esses dois recursos, considerando natural e não contraditório recorrer ora ao pastor, ora ao xamã. Os conflitos existentes entre pertencer a um coletivo que se identifica como tradicional ou pentecostal, se expressa mais na composição e oposição entre grupos políticos, e menos na resolução de problemas que afetam a vida das pessoas.

O encontro com um angüery<sup>6</sup> pode também desencadear uma drástica crise na vida da pessoa. Trata-se de um ser deformado, que desprende do corpo do morto e que não pode ser visto pelas pessoas comuns. Um rapaz relatou que viu um angüery quando voltava para sua casa depois de um treino de futsal na quadra da escola. Ele mora longe da escola e na hora do jogo tinha chovido, o que favorece o encontro com o ser monstruoso. Ele voltava para casa sem lanterna e se assustou quando viu o angüery no caminho. Ficou doente no dia seguinte, aí sua família procurou a igreja e a oração de um pastor indígena, ele se recuperou e se esqueceu dessa experiência ruim que teve. Depois o jovem se converteu a igreja e contou essa experiência como testemunho. Outra pessoa disse ter visto

---

5.Maluco é a denominação utilizada para pessoas identificadas como violentas, as quais se atribuem o uso de diversos tipos de drogas. Formam gangs e saem à noite para se divertir nas festas ou bailes. A pessoa que se mete na vida deles, ou algum membro de sua família, vira alvo de agressão, que pode resultar em morte, ocorrência frequente nas reservas.

6.Angüery é o que vaga pelo mundo assustando e às vezes matando as pessoas. Esse angüery é parte da pessoa que já morreu, uma de suas almas, que não foi para o mundo onde deveria ficar. Permanecendo na terra faz coisas ruins com as pessoas. Só um xamã pode fazer contato com o jará-dono de angüery para que ele recolha este ser e leve ao seu lugar apropriado, longe do convívio com os humanos. Desta forma, o Angüery também serve para o xamã demonstrar o seu poder pois domina os procedimentos para proteger os membros da comunidade.

um anguéry na casa de um xamã. O xamã o socorreu, fez uma reza, estabelecendo contato com o anguery para afastá-lo da vida do rapaz. A pessoa foi libertada e curada. Esses dois espaços religiosos, com dois personagens distintos são funcionais para as pessoas na comunidade na resolução de uma série de problemas.

Para Pereira (2012) a conversão dos kaiowá e Guarani é apresentada como rompimento com o passado ou com o antigo modo de ser, em um contexto de inovação cultural proporcionado pela introdução das igrejas evangélicas. Essa busca de novidade parece ser impulsionada devido aos problemas e conflitos intensificados na reserva.

O crente deve ser doutrinado para “perseverar na fé” e “afastar a tentação”, para que “não retorne ao mundo”, entendido como espaço associado ao antigo modo de ser. A conversão se constitui como um processo que poderia ser entendido como inovação cultural radical. Os crentes afirmam que na conversão encontraram “a verdade que serve” para suas vidas. A idéia de servir implica na validação da nova religião como substitutiva das práticas religiosas tradicionais. Mesmo assim, muitas convenções e valores oriundos do sistema tradicional continuam atuando na vivência da nova religião (PEREIRA, 2012, p. 200-201)

Como já relatamos acima, para a maioria das pessoas a cura é importante na maior parte das conversões, iniciando o processo. Através da oração o pastor, retira o incômodo. Mas o xamã também pode fazer o mesmo trabalho, recorrendo a outros procedimentos. Neste sentido, até mesmo os pastores podem concordar de que o xamã também cura, “na fé dele”, como dizem. Os evangélicos expressam a percepção de que a igreja substituiu a religião tradicional na busca do tekoporã - 'bom viver'. Argumentam que essa substituição se tem firmado por conta da escassez de líderes religiosos tradicionais, ausentes na maior parte das parentelas. Com a ausência desses líderes religiosos tradicionais, as famílias vivem sem conselhos, sem orientação, sem cuidados, sendo o único caminho viável a integração à igreja, para superar os conflitos com outras famílias, assegurar a saúde física e espiritual.

Existem três fases para uma pessoa ser um “evangélico de verdade” ou “crente forte”, sem risco de cair em nenhuma tentação do mudo físico ou do mundo dos espíritos. A igreja-pastor tem a obrigação de acompanhar uma pessoa para

se fortalecer como evangélico ou crente em sua igreja. A pessoa tem de ter fé para seguir a Deus, recusando várias tentações, repreendendo-as “em nome de Deus”. Cada fase é uma etapa no desenvolvimento da fé. Para isso, muitas vezes, a estratégia de muito pastor é fazer cultos na casa dessa pessoa que aceitou a Deus recentemente, o novo crente. Essa iniciativa do pastor tem a intenção de fortalecer o evangélico novato e também convencer os demais parentes dessa pessoa para se converter todos em sua igreja. A seguir são apresentadas as três fases:

1. A primeira fase é o convencimento a frequentar a igreja. Indo uma vez, o pastor passa a conversar constantemente com a pessoa, contando sobre outras pessoas que já vieram em sua igreja, se converteram e superaram seus diversos problemas. Se a pessoa “é tocada pela presença de Deus”, isso significa que o pastor a convenceu a se converter. A partir daí a pessoa passa a “esquecer” seus problemas e a “pensar só em Deus”. A pessoa, muitas vezes, procura a igreja quando se encontra em situação crítica e, nessa situação, o pastor se aproveita da condição de fragilidade para convencer a pessoa a escolher sua igreja.

A conversão significa que o pastor-igreja “ganhou” a alma para Deus. A igreja agrega mais um integrante, demonstrando que está cumprindo seu objetivo. Ganhar muitas almas demonstra que a igreja é mais santa que as outras, e o pastor e os seus integrantes usam esse discurso para convencer as pessoas não evangélicas para se converterem ou se unirem a sua igreja.

2. A segunda fase é a conversão propriamente dita, quando a pessoa “sente o poder de Deus em seu coração”, momento esperado na segunda ou terceira vez que participar dos cultos. A expectativa é que passe seguir a Deus na igreja de um pastor indígena específico, daí a expressão usada com muito rigor, “fulano é da minha igreja”. Nesta fase, a pessoa já pode cantar e orar no altar da igreja. Isto significa que ela já se sentiu forte espiritualmente. Nessa fase o pastor deve visitar frequentemente a pessoa, porque a pessoa está se fortalecendo espiritualmente, ainda pode facilmente “cair na fé” e “se desviar”. Caso isto ocorra pode levar ao insucesso do dirigente da igreja e ao enfraquecimento ou até a falência de sua igreja. Muitas igrejas são abertas, mas também muitas fecham devido a fuga dos

membros.

Ao se converter a pessoa analisa a igreja e pode decidir por continuar ou não. Essa escolha depende muito do prestígio do pastor e da configuração da membresia. A igreja constitui um módulo organizacional em torno do pastor e ele deve ter o perfil de líder para fazer a igreja crescer. Se o dirigente/pastor não corresponde as expectativas, os integrantes podem se reunir e decidir pela sua substituição. É fundamental que o pastor tenha a capacidade de unir as pessoas, buscando sempre o máximo de proximidade ao teko porã – o bom viver entre os seus integrantes.

Nessa fase (2) prepara-se o futuro batizado. Para isto as pessoas são doutrinadas conforme normas da igreja. O homem deve: a) raspar o cabelo; b) vestir camisa com a manga longa e calça social; c) respeitar os mais novos e os mais velhos; e d) viver vida considerada santa; e) não fumar, beber ou contar piadas. A mulher deve: a) deixar o cabelo cumprido; b) usar camiseta adequada e saia abaixo até o joelho; c) não deve usar maquiagem; d) não deve fazer fofoca; e) viver a vida considerada santa.

Mas o descumprimento das doutrinas é motivo de constante críticas, tanto de não evangélicos, como de membros de outras igrejas ou até da própria igreja. Sempre aparecem menções ao fato de certa pessoa não estar cumprindo as normas da igreja. A fofoca ganha destaque como recurso controle social entre os membros da igreja e serve também para menosprezar outras igrejas, principalmente as que se encontram na periferia da política reserva. Na reserva se percebe tanto fofoca quanto elogio envolvendo evangélicos e não evangélicos. Este parece ser um recurso político fortemente vinculado ao modo de ser Kaiowá e Guarani que as igrejas não conseguem afastar, pelo contrário, está fortemente instituído no pentecostalismo kaiowá e guarani.

3. A terceira fase corresponde ao período do batismo. Forte espiritualmente e sem nenhuma dúvida sobre a igreja a pessoa se batiza. A partir daí deve ampliar a cooperação no sentido de trazer mais integrantes para sua igreja, em especial seus parentes. Trazendo muitas pessoas para a igreja afirmar sua força e fé diante de Deus e da igreja. A partir daí deverá ficar ainda mais atento quanto a sua conduta. Caso contrário, pode ser penalizado e ter de “pegar banco”, sendo impedido de se falar e cantar nos cultos por um período determinado pelo pastor.

A quantidade de membros se altera constantemente. A mudança é constante, um chegando e outro saindo. Envolve também a política resultada da convivência de diversas parentelas na organização sociopolítica da reserva. Por exemplo, um senhor de 49 anos se converteu em uma igreja e viu que o dirigente não tinha a capacidade de fortalecer seus membros. Ele saiu e se agregou a outra igreja, onde o dirigente era considerado mais forte e demonstrava maior capacidade de unir as pessoas. A união é essencial na composição da igreja. Pode também haver união entre várias igrejas e isto levará ao fortalecimento da participação dos evangélicos na política da reserva, podendo seus membros ocuparem cargos chaves, como vereador ou capitão.

Para os evangélicos a igreja se apresenta como um caminho longe dos problemas recorrentes na reserva. A promessa é que a pessoa que tem obediência a Deus terá uma vida saudável, tranquila e próspera. Mas a igreja funciona também como estratégia de aliança e de cooperação entre pessoas, que podem construir alianças fortes, um grupo bem coeso, compondo relações contínuas e fortes na reserva.

Na configuração atual da reserva de Amambai as igrejas evangélicas dominantes se aliaram com capitão, vereador indígena, diretor e professores da escola. Disto resultou uma rede política expressivamente forte e relativamente coesa. Parentelas politicamente dominadas dentro da configuração política da reserva, sem apoio dentro e fora da reserva, muitas vezes procuram se converter por acreditarem que um dia terão uma vida boa e sem sofrimento, além de ocuparem uma posição mais favorável no arranjo político da reserva. As igrejas dos grupos dominados são arquiteturas mais modestas, cobertas de lonas ou de sapé e dificilmente ingressam na rede dominante. Observa-se que mesmo na conversão permanece a distinção entre centro e periferia na configuração da reserva e mantêm-se o acesso desigual aos recursos acessados pelos Kaiowá e Guarani reservados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente texto buscamos compreender e refletir sobre a atuação dos Kaiowá e Guarani evangélicos, tendo como referência a reserva de Amambai. Também descrevemos e analisamos vários aspectos do

funcionamento das igrejas. Procuramos demonstrar como os evangélicos se articulam como segmento específico, se apropriando de certos valores, regras e doutrinas, produzindo inovações nas práticas culturais, mas também, atualizando princípios do teko porã, o modo correto de se viver. Nesse sentido, seguem se reproduzindo como Kaiowá e Guarani dentro do contexto histórico da situação de reserva.

Entendemos que mesmo as igrejas anunciando a superação de todos os problemas, o sentimento de irmandade não diluí as diferenças entre parentelas, o que se constata a partir da existência de igrejas de parentelas dominadas e a igrejas de parentelas dominantes. As igrejas dos dominados, situam-se na periferia política da reserva, sendo desacreditada e menosprezada pelo evangélicos que estão no centro da rede que exerce a hegemonia política na reserva. As igrejas dos dominantes possuem vínculos com a elite da reserva, seus pastores e dirigentes possuem relações sólidas com políticos e representantes de instituições do Estado e da sociedade brasileira que atuam na reserva.

Percebe-se ainda que, em grande medida, os Guarani e Kaiowá conseguem usar a igreja conforme o seu modo próprio de ser. Outro dado importante é que os evangélicos dominantes atuam forte nas eleições tanto de capitão, como de vereador, sendo a quantidade de seus membros um fator determinante. Deste modo, consideramos que o presente artigo abre o debate em torno desse tema, procurando provocar principalmente os acadêmicos e pesquisadores, inclusive indígenas, a ampliarem a reflexão aqui esboçada.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENITES, Tonico. (2015). Professor Tonico Benites, Guarani-kaiowá nascido na aldeia Sassoró, em Tacuru (MS) e pós-doutorando em antropologia pelo Museu Nacional da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), entrevista com Paula Bianchi. Do UOL, no Rio 23/11/2015 06h00. Disponível em :<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/11/23/os-indios-que-vivem-em-reservas-estao-confinados.htm>.

BRAND, A. J. (1993). O confinamento e seu impacto sobre os Paí-Kaiowá. Dissertação (mestrado) – PUC/RS. Porto Alegre - RS.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. (2000) Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MORAES, José Augusto Santos. (2014). O pentecostalismo entre os índios da reserva indígena de dourados, da década de 1980 aos dias atuais. XII Encontro de Associação Nacional de História, Seção Mato Grosso do Sul, UFMS, Aquidauana-MS.

PEREIRA, Levi M. 2004. Imagens Kaiowá do Sistema Social e seu Entorno. Tese de doutorado em Antropologia (etnologia). Universidade de São Paulo – USP. São Paulo - SP.

PEREIRA, Levi Marques. (2012). Significados do processo de conversão dos Kaiowá e Guarani ao pentecostalismo e sua inserção no cenário de inovação cultural. XIII Jornadas Internacionais sobre as missões jesuíticas, v. II. São Bernardo do Campo. Nhanduti editora. p 177-205.